



KnoWhy #726



Abri 18, 2024

Como a parábola de Zenos sobre a vinha refletia o antigo templo?

"Pois eis que assim diz o Senhor: Comparar-te-ei, ó casa de Israel, a uma boa oliveira que um homem cultivou em sua vinha; e ela cresceu e envelheceu e começou a definhar"

Jacó 5:3

O conhecimento

Em um longo sermão encontrado em Jacó 4-6, Jacó citou uma alegoria dos escritos do profeta Zenos, que comparou a casa de Israel a "uma boa oliveira que um homem cultivou em sua vinha"(Jacó 5:3). Por meio dessa alegoria, Zenos apresentou o "grande plano de redenção" de Deus, mostrando como toda a casa de Israel seria reunida novamente (Jacó 6:8). Um tema central desta mensagem é a Exiação de Jesus Cristo.

De acordo com o estudioso bíblico Matthew L. Bowen, essa alegoria descreve esses dois temas — a futura coligação de Israel e a Exiação de Cristo — através da perspectiva do antigo templo israelita e suas ordenanças. Afinal, "o templo é o lugar para a expansão gradual e completa das bênçãos da 'expiação perfeita' que o Salvador 'operou [...] derramando seu próprio sangue'". Além disso, David Rolph Seely e

John W. Welch observaram que "Jacó provavelmente proferiu o sermão narrado em Jacó 4-6 do templo da

cidade de Néfi (assim como falou daquele templo quando proferiu suas punições proféticas em Jacó 2-4; ver Jacó 2:2)".

Considerando a alegoria nesse contexto do templo, é possível encontrar em Jacó 5 "a história do templo sagrado, incluindo a obra que é feita nos templos dos últimos dias". Bowen observa que "a alegoria de Zenos apresenta muitas palavras, temas e conceitos do templo" que ensinam sobre a obra e o plano de salvação do Senhor, todos enraizados no desejo final do Senhor de restaurar Seu povo à Sua presença amorosa. A tabela que acompanha ilustra isso, mostrando os temas do templo e as alusões bíblicas em Jacó 5.

Temas do Templo

- Queda e exílio do paraíso
- Uma Pedra de Esquina
- Mistérios ou ensinamentos, sagrados e secretos
- A cena de um jardim
- Uma pessoa que come o fruto para obter conhecimento
- Um fogo divino
- Uma árvore principal no ponto mais alto
- O Senhor divino e Seus servos em conselho
- Sete designações de tempo
- Servos que auxiliam no processo de expiação
- Servos que conservam os frutos e os selam com óleo consagrado
- Servos que fazem a vontade do dono
- A exaltação do petionário
- Um abraço divino

Referências em Jacó

- Jacó 4:14
- Jacó 4:15–18
- Jacó 4:17–18; 5:3
- Jacó 5:3
- Jacó 5:31
- Jacó 5:7, 9, 26, 37, 42, 45–47, 49, 58, 66, 77
- Jacó 5:14
- Jacó 5:15, 19, 27, 29, 38, 49, 52, 61–62
- Jacó 5:3, 4–14, 15–28, 29–49, 50–74, 75–76, 77
- Jacó 4:11–12
- Jacó 5:8, 11, 13, 20, 23, 33, 36–37, 53–54, 60, 74–75, 77
- Jacó 5:8, 13
- Jacó 5:75
- Jacó 5:75; 6:2–7

Referências nas Escrituras

- Gênesis 3
- Isaiás 28:13; Salmos 118:22
- Amós 3:7; Romanos 11:25–26
- 1 Reis 6:29
- Gênesis 3:4–5
- 1 Reis 18:23–24, 38–39; 2 Reis 1:9–14; 2:11; Isaiás 6
- Gênesis 2:9
- Gênesis 1:26; Abraão 3:27
- Gênesis 1
- Números 8:24–26
- 3 Néfi 13:20
- Salmo 40:7–8; 3 Néfi 14:21
- Lucas 14:10
- Salmo 95:7–11

Os temas relacionados ao templo podem ser apreciados desde o início, mesmo na introdução de Jacó à alegoria. Depois de discutir como um fundamento rejeitado se tornaria a pedra angular, Jacó perguntou (com base no Salmo 118:22) como aqueles que rejeitaram essa pedra angular poderiam "construir sobre [ela] para que venha a ser sua pedra de esquina? Eis que, meus amados irmãos, vos desvendarei este mistério" (Jacó 4:17–18). Observe como Jacó enquadra a alegoria como a revelação de um mistério. Como Bowen aponta, a palavra inglesa *mystery* [misterio] "deriva do grego *mysterion* [...]. Esse termo estava intimamente relacionado a vários ritos [ou ordenanças] de iniciação em todo o antigo Mediterrâneo, o que os santos dos últimos dias poderiam chamar de uma espécie de 'investidura'". Além disso, essa palavra coincide com a palavra hebraica *sod*, que se refere a um conselho divino no céu que implementa o plano de Deus, chamado "o grande plano da redenção" em Jacó 6:8–6.

Além disso, Zenos apresentou sua parábola dizendo: "Comparar-te-ei, ó casa de Israel a uma boa oliveira", e David Rolph Seely aponta que a palavra subjacente "comparar" era provavelmente a palavra hebraica *mashal*, que poderia se referir a uma alegoria, parábola, provérbio ou outra descrição comparativa. Na verdade, este capítulo tem características de parábola, pois é apresentado como tendo uma única mensagem que transcende os detalhes da história". Conforme usado no Salmo 78:2 (ou talvez até Mateus 13:35), essa palavra também poderia ser usada para expressar "ditos antigos ocultos [isto é, enigmáticos]" ou "coisas que foram mantidas em segredo desde a fundação do mundo". Conforme esclarecido na revelação moderna, essas coisas serão especificamente reveladas no templo sagrado (ver D&C 124:33, 41).

Outro tema do templo é encontrado nas representações da Criação que aparecem ao longo do texto. Na antiga Israel, o templo era entendido como o Jardim do Éden; quando Salomão construiu seu templo, ele decorou o interior com árvores para dar-lhe a aparência de um jardim (ver 1 Reis 23, 29, 31). O aspecto do jardim do vinhedo é óbvio, mas outras dicas do texto sugerem que esta vinha é comparável ao próprio Jardim do Éden.

Por exemplo, diz-se que a árvore amada dessa alegoria está em um lugar central e elevado, da mesma forma que a Árvore da Vida está implícita no Jardim do Éden (ver Ezequiel 28:13-16). Como tal, o Senhor tira galhos da árvore e os planta nas "partes mais baixas da vinha", ou nas partes mais baixas de Sua vinha, como um tipo de exílio. Na verdade, a natureza caída da vinha torna-se evidente à medida que continua a dar maus frutos e requer a constante atenção e cuidado do Senhor da vinha, a fim de produzir novamente bons frutos que possam ser armazenados na presença do Senhor.

Outras representações da Criação relacionam essa parábola ao templo. Como Paul Hoskisson apontou, essa alegoria refere-se a sete períodos de tempo distintos, relacionados a vários momentos da história da casa de Israel, culminando na Segunda Vinda e no Milênio. Isso seguiu o que só poderia ser descrito como a Grande Apostasia, ou "o grande dia do poder de Satanás, ou pelo menos a altura de seu poder", uma vez que nenhuma árvore poderia dar bons frutos em qualquer lugar da vinha e medidas drásticas eram necessárias para garantir que as árvores não fossem perdidas para sempre. Além disso, a linguagem empregada entre o Senhor da vinha e Seus servos reflete a linguagem exortativa plural, usada no relato da Criação quando Deus falou ao Seu Conselho Divino e a Seu Filho Jesus Cristo. Deus disse: "Façamos o homem", em Gênesis 1:26 e nos livros de Moisés e Abraão, e o Senhor da vinha repetidamente evoca essa mesma linguagem quando fala aos seus servos: "vamos à vinha" (Jacó 5:15).

Finalmente, no final da alegoria, o Senhor da vinha "chamou seus servos e disse-lhes: [...] benditos sois vós; pois por terdes sido diligentes ao trabalhar comigo na minha vinha [...] eis que vos regozijareis comigo por causa do fruto de minha vinha" (Jacó 5:75). Em última análise, esses servos compartilharão a mesma alegria e bênçãos que o Senhor da vinha tem pelo trabalho que todos fizeram ao trazer o fruto para os armazéns. Esses servos, em suma, "se tornaram o que o templo e suas ordenanças preparam uma pessoa para se tornar", isto é, exaltados na presença do Senhor.

O porqué

Nos tempos modernos e antigos, o templo era, em última análise, o lugar onde Israel poderia simbolicamente entrar na presença de Deus e alegremente se juntar a Ele. É o lugar onde as bênçãos da Exiação de Cristo podem ser plenamente desfrutadas, à medida que as pessoas fazem e guardam convênios sagrados com o Pai Celestial, preparando-se para viver com Ele mais uma vez. Finalmente, como observa Matthew Bowen, o mesmo se aplica a essa parábola, pois]'Jacó [...] explicitamente coloca a alegoria no contexto do mistério ou plano de como Judá e Israel serão restaurados no templo e como a vinha (a terra) se tornará um templo". Na verdade, todo o propósito de reunir Israel disperso, conforme ensinado nas escrituras antigas e modernas, é construir Sião, uma comunidade do templo onde Deus possa habitar com o povo de Seu convênio.

Essa reunião no templo, realizada pacientemente pelos servos, envolve tanto o trabalho missionário quanto as ordenanças e ensinamentos sagrados oferecidos nos templos sagrados. Isso foi especialmente ensinado pelo Presidente Russell M. Nelson nos últimos anos, que enfatizou: "Sempre que vocês fazem alguma coisa para ajudar alguém, nos dois lados do véu, a fazer os convênios fundamentais com Deus e receber as ordenanças essenciais de batismo e do templo, vocês estão ajudando na coligação de Israel. É simples assim". Na verdade, como Bowen também concluiu, "o templo é sempre o objeto do trabalho missionário dos últimos dias", como acontece quando o jardim do Senhor é cuidadosamente podado, cuidado, enxertado, purificado, fertilizado e protegido.¹

Em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, o templo é de suma importância para unir Israel — deste lado do véu e do outro — pois é lá que as gerações familiares podem se unir para sempre. Portanto, ao continuarmos a guardar nossos convênios do templo e realizar essas ordenanças por nossos antepassados, também estamos realizando a grande obra que os servos dessa alegoria realizaram simbolicamente, pela qual também seremos um dia abençoados com alegria e regozijo com o Senhor.

Leitura complementar

Matthew L. Bowen, "I Have Done According to My Will":

Reading Jacob 5 as a Temple Text", em The Temple: Ancient & Restored; Proceedings of the Second Interpreter Matthew B. Brown Conference, "The Temple on Mount Zion", outubro 25, 2014, ed. Stephen D. Ricks e Donald W. Parry (Orem, UT: Interpreter Foundation; Salt Lake City, UT: Eborn Books, 2016), pp. 235–272.

Paul Y. Hoskisson, "The Allegory of the Olive Tree in Jacob", em The Allegory of the Olive Tree: The Olive, the Bible, and Jacob 5, ed. Stephen D. Ricks e John W. Welch (Salt Lake City, UT: Deseret Book; Provo, UT: Foundation for Ancient Research and Mormon Studies [FARMS], 1994), pp. 70–104.

John W. Welch e James Gregory Welch, "Personal Applications of Olive Symbolism", in Charting the Book of Mormon (Provo, UT: FARMS, 1999), quadro 6-83.



© Central do Livro de Mórmon, 2024

Notas de rodapé

1. Matthew L. Bowen, "I Have Done According to My Will": Reading Jacob 5 as a Temple Text", em The Temple: Ancient & Restored; Proceedings of the Second Interpreter Matthew B. Brown Conference, "The Temple on Mount Zion", outubro 25, 2014, ed. Stephen D. Ricks e Donald W. Parry (Orem, UT: Interpreter Foundation; Salt Lake City, UT: Eborn Books, 2016), p. 235, citando D&C 76:69
2. David Rolph Seely e John W. Welch, "Zenos and the Texts of the Old Testament", em The Allegory of the Olive Tree: The Olive, the Bible, and Jacob 5, ed. Stephen D. Ricks e John W. Welch (Provo, UT: Foundation for Ancient Research and Mormon Studies; Salt Lake City, UT: Deseret Book, 1994), p. 326. Seely e Welch também argumentam que, sem referências precisas ao templo em Jerusalém, é possível que os principais elementos dessa parábola remontem a tempos anteriores à construção desse templo por Salomão no século X a.C.
3. Bowen, "I Have Done According to My Will", p. 235. Significativamente, o Pergaminho do Mar Morto 4Q500 nos mostra que a parábola da vinha de Isaías, registrada em Isaías 5 e Isaías 27, foi especificamente interpretada durante o período do Segundo Templo como uma referência ao templo. Portanto, a alegoria de Zenos não seria a única parábola sobre uma vinha especificamente relacionado ao antigo templo.
4. Para saber mais sobre isso, consulte o artigo da Central do Livro de Mórmon, "Por que Jacó citou tantos Salmos? (Jacó 1:7; cf. Salmo 95:8)", KnoWhy 62 (17 de março de 2017).
5. Bowen, "I Have Done According to My Will", Pp. 238–239.
6. A visão de Leí registrada em 1 Néfi 1 também reflete a sód ou o conselho divino. Ver, por exemplo, John W. Welch, "Lehi's Council Vision and the Mysteries of God", em Reexploring the Book of Mormon, ed. John W. Welch (Provo, UT: FARMS; Salt Lake City, UT: Deseret Book, 1992), pp. 24–25.
7. David Rolph Seely, "The Allegory of the Olive Tree and the Use of Related Figurative Language in the Ancient Near East and the Old Testament", in Allegory of the Olive Tree, p. 292.
8. Ver Bowen, "I Have Done According to My Will", pp. 240–241, para aprofundar o possível hebraico subjacente a este versículo. Ver

também Margaret Barker, The Lost Prophet: The Book of Enoch and Its Influence on Christianity (Sheffield, UK: Sheffield Phoenix Press, 2005), pp. 65–76, para uma análise de como a palavra mashal pode ser entendida em um contexto de templo como uma revelação do conhecimento oculto do céu.

9. Também deve ser notado que em hebraico sempre se sobe ao templo, da mesma forma que seria necessário subir na árvore das partes mais baixas da vinha.
10. Ver Paul Y. Hoskisson, "The Allegory of the Olive Tree in Jacob", in Allegory of the Olive Tree, pp. 70–104. As designações de tempo foram registradas em Bowen, "I Have Done According to My Will", pp. 248–249.
11. Bowen, "I Have Done According to My Will", p. 249. Os versículos em questão são encontrados em Jacó 5:29–49.
12. Para saber mais sobre essa expressão, ver Bowen, "I Have Done According to My Will", pp. 244–246.
13. Bowen, "I Have Done According to My Will", p. 257.
14. Bowen, "I Have Done According to My Will", p. 259.
15. Russell M. Nelson, "Juventude da promessa" (Devocional Mundial da Juventude, 3 de junho de 2018).
16. Bowen, "I Have Done According to My Will", p. 259.